



FACULDADE ANÍSIO TEIXEIRA
COLEGIADO DOS CURSOS DE JORNALISMO E PUBLICIDADE E
PROPAGANDA
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

ÉRIKA SILVA MARTINS ROCHA
AMANDA FARIAS PIMENTA

A representatividade da mulher gorda na mídia

FEIRA DE SANTANA
DEZEMBRO 2021

ÉRIKA SILVA MARTINS ROCHA
AMANDA FARIAS PIMENTA

A representatividade da mulher gorda na mídia

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito obrigatório
para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo, na Faculdade Anísio Teixeira.

Orientadora: Prof. Andréa Souza

FEIRA DE SANTANA
DEZEMBRO 2021

A representatividade da mulher gorda na mídia

Érika Silva Martins ROCHA¹, Amanda Farias PIMENTA², Andréa SOUZA³

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar seis edições do programa de entretenimento de cunho jornalístico exibido, pela Rede Globo, 'Encontro com Fátima Bernardes' de modo a identificar o impacto do ativismo gordo nas discussões a respeito da mulher gorda, para além do estigma do peso. A metodologia foi caracterizada como pesquisa bibliográfica e estudo de caso com análise qualitativa dos dados através da análise do discurso e do conteúdo de seis edições datadas entre 2015 e 2021, nas quais mulheres gordas foram entrevistadas. Foi possível observar as mudanças no discurso das mulheres gordas durante as edições relacionadas com a popularização do ativismo. Observou-se também, a influência da teoria do agendamento e contra agendamento neste caminho trilhado entre a mídia tradicional e a internet. Esta pesquisa contribui para o fortalecimento dos debates acerca da representatividade das mulheres gordas na mídia, destacando a transição dos programas jornalísticos e de entretenimento, ao se desvincular de comportamentos gordofóbicos e abrir espaço para que pessoas gordas, em especial as mulheres, possam se sentir acolhidas ao integrar espaços públicos e passem a enxergar seus corpos de uma nova maneira para além do padrão imposto pela sociedade.

Palavras-chave: Mídia; Gordofobia; Ativismo gordo.

ABSTRACT

This article aimed to analyze six editions of the journalistic entertainment program shown by Rede Globo, 'Encontro com Fátima Bernardes' in order to identify the impact of fat activism in discussions about fat women, in addition to the stigma of weight. The methodology was characterized as a bibliographical research and a case study with qualitative data analysis through the analysis of the speech and content of six editions dated between 2015 and 2021, in which fat women were interviewed. It was possible to observe the changes in the speech of fat women during editions related to the popularization of activism. It was also observed the influence of the theory of scheduling and counter scheduling in this path trodden between traditional media and the internet. This research contributes to the strengthening of debates about the representation of fat women in the media, highlighting the transition from journalistic and entertainment programs, by detaching themselves from fat-phobic behavior and opening space for fat people, especially women, to feel welcomed by integrating public spaces and starting to see their bodies in a new way, beyond the standard imposed by society.

¹ Graduanda em Jornalismo. Érika Silva Martins Rocha. E-mail: e.smartinsrocha@gmail.com

² Graduanda em Jornalismo. Amanda Farias Pimenta. E-mail amandafpimenta@hotmail.com

³ Orientadora. Professora Andréa Souza. E-mail: andrea.silva@fat.edu.br

Keywords: Media; Fatphobia; Fatactivism.

1. Introdução

A mídia criou padrões gordofóbicos que perduraram desde o surgimento da TV aberta no Brasil, em 1950, até os dias atuais, mas, recentemente deixaram de ser pauta central, por volta de 2015, com a popularização do ativismo gordo (NECHAR, 2018). A disseminação de movimentos ativistas e de aceitação ao corpo chegou à televisão através da grande mobilização de pessoas gordas a partir da internet, assim foi possível ocupar espaços nas novelas e filmes, tramas com mulheres gordas como protagonistas, sem a necessidade de atrelar sua imagem ao peso. Logo os temas relacionados à gordofobia ganharam espaços de debate na TV aberta, em especial nos programas de auditório.

Atualmente vem crescendo o número de pesquisas em que o foco principal é a mulher e o corpo, através de questões voltadas à construção da beleza e aos padrões impostos. Nechar (2018), em seu estudo propõe uma reflexão da atualidade com objetivo de desvendar padrões corporais e crenças que envolvem a gordura corpórea. Ragel (2018) levanta discussões sobre a construção da gordofobia na sociedade, a patologização da pessoa gorda e o ativismo gordo. Também são analisados como agentes ativistas gordas/os se organizam em relação aos campos econômico e midiático estabelecendo relações de afeto, embate e disputa de significados. Essas abordagens promovem discussões no meio acadêmico e ocasionam maior visibilidade ao movimento e a partir daí passam a influenciar a aceitação do corpo e a desconstrução da gordofobia.

Em virtude desse cenário este artigo tem como pergunta problema: “Como o ativismo gordo influenciou os debates acerca da mulher gorda no programa ‘Encontro com Fátima Bernardes’?”. Buscou-se responder a esta problemática através do objetivo geral de analisar seis edições do ‘Encontro com Fátima Bernardes’, um programa de cunho jornalístico, que compõem a grade de programação da TV Globo (Rede Globo) desde o dia 25 de junho de 2012, de modo a identificar o impacto do ativismo gordo nas discussões a respeito da mulher gorda, para além do estigma do peso.

Esta pesquisa obteve como objetivos específicos analisar: como as pautas levantadas pelos ativistas contribuíram para a inserção de debates a respeito dos problemas enfrentados por pessoas gordas no programa; quais termos eram utilizados para se referir a essas pessoas; quem eram as convidadas; e sobre o que elas eram convidadas a discutir, afim de identificar o impacto que aquela discussão pretendia alcançar.

Para chegar ao objetivo traçou-se o método de Estudo de caso executado através de coleta de seis edições do programa ‘Encontro com Fátima Bernardes’, nas quais as mulheres gordas eram protagonistas da pauta. As edições selecionadas foram as dos dias 17/05/2015; 23/05/2016; 15/06/2016; 06/06/2018; 02/10/2018; 08/10/2021. A escolha das edições foi possível através da pesquisa das palavras-chave “mulher”, “representatividade”, “gordofobia” e “ativismo gordo”, no site da emissora em que o programa é exibido. A partir disso foram analisados os conteúdos apresentados, e o discurso das convidadas presentes nas edições, com finalidade de coletar informações qualitativas acerca dos temas abordados, descrevendo-os.

O referencial teórico desta pesquisa foi dividido em quatro capítulos: o corpo na história; pressão estética x gordofobia e teoria do agendamento, com os subcapítulos a emergência do ativismo gordo no Brasil e ciberativismo. Após o referencial teórico é apresentado o estudo de caso, objetivo do artigo, e feitas as considerações finais a partir da análise construída.

Este trabalho almeja contribuir para o fortalecimento desses debates acerca da representatividade das mulheres gordas na mídia, destacando como os programas jornalísticos e de entretenimento estão fazendo essa transição, se desvinculando de comportamentos gordofóbicos abrindo espaço para que pessoas gordas possam se sentir acolhidas ao integrar espaços públicos e passem a enxergar seus corpos de uma nova maneira.

Para entender o estigma que as pessoas gordas carregam por seu peso é preciso mapear seu histórico e quais significados essa característica física adquiriu e mudou ao longo do tempo. Afinal, será que o peso era pejorativo no passado? Qual a influência do gênero sobre esta temática?

2. O corpo na história

A história de pessoas gordas é apresentada desde a idade média com aspectos distantes da realidade brasileira, mas que não tardaria a alcançá-la. De acordo com Vigarello (2012), o 'ser gordo' era algo positivo. "Ele impressiona. Seduz. Sugere também uma encarnação da abundância, indica riqueza, simboliza saúde" (VIGARELLO, 2012, p. 19). Seu prestígio era ligado à fartura, a saúde era representada pela barriga cheia, e a densidade de gordura corporal era um símbolo de vigor. Nos séculos XVI e XVII, práticas de emagrecimento começaram a se popularizar, mas não porque a gordura começava a ser vista de forma negativa, e sim para que os muito gordos não fizessem parte da sociedade (VIGARELLO, 2012).

Segundo Vigarello (2012), em 1777 foi estabelecido um meio de medir a gordura saudável e a prejudicial, através da correspondência entre peso e altura.

"A gordura de um homem grande não é a mesma de um homem pequeno, o peso de um gigante não é o mesmo de um anão (...) O peso 'normal' e o peso 'excessivo' o são em função de uma mesma percepção, o de estaturas idênticas" (VIGARELLO, 2012, p. 149).

De acordo com Bernuzz (2016), no Brasil, o século XIX ainda se acreditava ser algo positivo, um símbolo de riqueza. A gordura era vista como um defeito apenas em mulheres e assim as gordas eram tidas na sociedade como desleixadas (VIGARELLO, 2012, p. 210).

Conforme a gordura passava e ser vista com um novo olhar, as mulheres eram instruídas a procurarem métodos para emagrecimentos que as propagandas indicavam. Os homens ainda não haviam sido atingidos pela pressão negativa sobre o peso, e demorou algum tempo para que a barriga, antes um símbolo de majestade, se tornasse característica que geraria incômodo em terceiros (BERNUZZI, 2016).

3. Pressão estética X Gordofobia

Em meados do século XX o endeusamento à magreza e a constante aspiração pelo corpo perfeito passaram a ser pregados pela mídia e profissionais da saúde como ideal de corpo perfeito (RANGEL, 2018). A partir desse período, as pessoas foram influenciadas a acreditar em uma falsa crença relacionada à busca de um corpo ideal, um padrão a ser seguido, partindo da noção de que

qualquer pessoa pode moldar seu corpo sem levar em consideração a genética de cada indivíduo (NECHAR, 2018; RANGEL, 2018).

Diferente da pressão estética, a gordofobia surge como um dos preconceitos mais aceitos e consolidados na sociedade, devido à justificativa da preocupação com a saúde reforçada pelo discurso médico (RANGEL, 2018; GURGEL, 2018). Estabelecer regras que diferenciem a gordofobia da pressão estética é essencial para o ativismo gordo. Essa diferenciação refere-se à compreensão de que todas as pessoas que vivem em sociedade estão sujeitas a sofrer pressão estética, a qual se trata da pressão sofrida para que o indivíduo se encaixe em um padrão de beleza estabelecido pela sociedade. A gordofobia diz respeito a opressão sofrida por pessoas gordas, a patologização de seus corpos e condenação moral do seu estilo de vida. Essa estigmatização que pessoas gordas sofrem é chamada de gordofobia (RANGEL, 2017; RANGEL, 2018)

O feminismo foi um dos principais movimentos que atuaram como reivindicadores contra a padronização dos corpos e contribuiu para que o ativismo gordo fosse impulsionado, questionando a constante pressão para que as mulheres almejassem a magreza. Trazendo o pessoal para o político e colocando em evidência a liberdade corporal feminina, sexualidade e relação de dominância entre os sexos (GURGEL, 2018).

Rangel (2018) afirma que o feminismo tem um olhar raso a respeito da gordofobia, fato bastante criticado pelas mulheres gordas, que na maioria das vezes precisam resistir dentro do próprio movimento. O ativismo gordo ainda é visto como pauta secundária dentro do feminismo, outros tipos de opressão são tidos como prioridade como: desigualdade salarial, questões de raça, legalização do aborto, etc.

3.2 A emergência do Ativismo Gordo no Brasil

A expressão 'gordofobia' toma força no Brasil a partir de 2009, quando personagens gordos de novelas e filmes passaram a ser problematizados em pequenos grupos. A partir daí reflexões foram pautadas a respeito de como a gordofobia tem seu lugar no Brasil, pois o gordo sempre é visto como alívio

cômico em filmes e séries. O que torna fácil fazer piada com as situações vividas pelos mesmos, as quais são engraçadas apenas para quem não precisa lidar com esse preconceito diariamente (NECHAR, 2018).

O ativismo gordo é legitimado no Brasil a partir da necessidade emergente de frear o preconceito sofrido por pessoas gordas na esfera social, através de ações como o perfil ‘Olhar de Paulina’⁴ no *Instagram*, em que a artista Milena Paulina fotografa mulheres com corpos reais na busca de normalizar a visão das pessoas a respeito da diversidade de corporal; e, de movimentos criados a partir da internet como ‘Corpo Livre’, ‘Vai ter gorda na praia’, etc. (RANGEL, 2018).

3.3 Ciberativismo

A internet é um grande impulsionador do ativismo gordo no Brasil, pois, possibilitou a troca de informações entre os gordos de diversos lugares do país, além da disseminação de informações sobre as pautas da militância para os não gordos (GURGEL, 2018). O imediatismo que a internet traz proporciona a propagação e popularização de assuntos ocorridos em tempo real, o que contribui para que grupos questionem algum conteúdo considerado gordofóbico na hora em que ocorreu (ABRANTES, 2019).

Existe também, a missão de informar para pessoas não gordas sobre as distinções de pressão estética, *bullying* e gordofobia, frisando as diferenças que cada opressão tem. A luta contra a gordofobia aproxima mulheres gordas para que se identifiquem e discutam sobre problemas e dificuldades semelhantes (GURGEL, 2018).

Em meados de 2015, a jornalista e *Youtuber* Alexandra Gurgel criou o movimento ‘Corpo Livre’, mas a ideia não foi tirada apenas de suas experiências negativas por ser uma mulher gorda. Alexandra concebeu esta ideia a partir do movimento *Body Positive*, fundado nos Estados Unidos no final da década de 1990 por Connie Sobczak e Elizabeth Scot. O *Body Positive* foi criado para que houvesse uma comunidade unida que compartilhasse mensagens de apoio em

⁴ ‘Olhar de Paulina’ é uma página virtual dedicada a promover autoestima para mulheres gordas através de fotografias sensuais, atualmente a página encontra-se fora do ar, pois devido ao seu conteúdo o Instagram entende como quebra de diretrizes.

contraposição às nocivas que circulam na sociedade (THE BODY POSITIVE, 2018). A jornalista Alexandra Gurgel, no entanto, apresentou um olhar problemático do *Body Positive*, ao afirmar que o movimento prezava a igualdade e acabava desfocando o papel individual do social. Daí surgiu a necessidade de se criar um movimento específico para o ativismo gordo no Brasil (GURGEL, 2018).

4. Teoria do Agendamento

A teoria do agendamento ou *Agenda-setting*⁵, fundada por Maxwell McCombs e Donald Shaw defende que os meios de comunicação podem inserir temas em sua grade que futuramente serão debatidos na agenda pública. O agendamento refere-se à inclusão de um assunto na lista de pautas abordadas pela mídia e a visibilidade que um tema adquire ao integrar o discurso no jornalismo (BRANDI, 2017, p.80).

Em contrapartida, o contra agendamento mostra o outro lado. A atuação das mídias sociais é considerada responsável pela inserção na esfera pública de temas populares e projetos de intervenção que, com a devida promoção e visibilidade midiática, podem ser replicados e, assim, oferecer uma perspectiva de mudança na sociedade. Isso significa que um processo de mobilização social deve contemplar primeiramente o interesse da mídia para que esta lhe confira legitimidade e possibilite a inserção de outros fatores sociais. Essa validade permite a incorporação do tema na arena pública de discussão e debate (ROSSY, 2007).

5. Representatividade da mulher gorda no programa 'Encontro com Fátima Bernardes'

O 'Encontro com Fátima Bernardes' é um programa de entretenimento, de cunho jornalístico, que compõe a grade de programação da TV Globo (Rede Globo) desde o dia 25 de junho de 2012, exibido nas manhãs de segunda a sexta-feira. As edições do programa são apresentadas com a intercalação de notícias jornalísticas, bate-papos e conversas descontraídas, abordando temas

⁵ A Hipótese do Agendamento (ou *Agenda-setting theory*, no original, em inglês) foi formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970.

atuais e de relevância social. Utilizou-se seis edições, as quais foram apresentadas na introdução deste trabalho, para compor o estudo de caso.

Iniciou-se assim pela edição exibida no dia 17/05/2015, com a matéria de abertura, em que a telespectadora Gabriellen Alexandrino enviou uma mensagem para o programa, contando a história de um grupo formado por ela e outras amigas, intitulado “Mulheres Reais”, com objetivo de promover ensaios fotográficos de valorização da beleza e autoestima das mulheres gordas. No programa, além da Gabriellen, estavam presentes Renata, Viviane e Alice, três das dez mulheres que compõe o grupo.

A idealizadora do movimento, durante a entrevista, explicou a presença do preconceito em sociedade, exemplificando o principal motivo para o grupo existir: a beleza da mulher gorda e o direito de se sentir bem em sociedade. O ponto inicial do grupo foi quando uma das integrantes sofreu comentários gordofóbicos a respeito de seu corpo por postar uma foto usando trajes de banho. A repercussão do grupo na internet contribui para que outras mulheres se identificassem e demonstrassem interesse em fazer parte da iniciativa.

Durante a exibição do quadro, pôde-se observar o cuidado com certos termos que poderiam ser considerados pejorativos estavam presentes. O termo “gorda” poderia ser ainda ofensivo, e assim sendo, foi evitado. Houve o uso da palavra “gordinha” não só pela apresentadora Fátima como também pelas convidadas, mesmo sendo um grupo voltado ao ativismo gordo que luta contra o preconceito. As entrevistadas em momento nenhum referem a si mesmas como mulheres gordas, mas sim, “gordinha” ou “mulheres acima do peso” com muita cautela.

O grupo também se mobilizou através da internet apresentando mulheres gordas usando vestidos de noiva, através de um ensaio fotográfico temático. A iniciativa se deu devido ao problema de uma das integrantes do grupo, que não encontrava um vestido de noiva para o seu tamanho. E, ao encontrar uma loja que atendeu a todos os tamanhos, decidiram fazer o ensaio.

Na mesma semana em que ia ao ar e edição do dia 17, estava acontecendo o 'São Paulo *Fashion Week*'⁶ 2015. Fátima Bernardes chamou atenção para o padrão de beleza imposto pela indústria da moda e questionou se as convidadas do grupo "Mulheres Reais" se sentiam cobradas a ter um corpo semelhante ao das modelos, quando se deparavam com alguma campanha ou desfile de moda. Nesse momento, a discussão sobre pressão estética e a falta de roupas em tamanhos diversos nas lojas voltou para a pauta.

Na edição exibida no dia 23/05/2016, o tema gordofobia foi discutido partindo do relato de preconceito sofrido por Thais Oliveira, *Miss Plus Size*, devido a uma foto postada por ela em uma rede social da *Miss Plus Size*. Thais comenta que viu sua vida mudar após os inúmeros compartilhamentos e comentários gordofóbicos que sofreu, e após esse episódio, decidiu participar de um concurso de beleza *Plus Size*, vencendo nove vezes o concurso. Ela contou como o ocorrido chamou sua atenção para a importância da representatividade.

Além de Thaís, 20 candidatas do concurso estiveram presentes no programa afim de destacar a beleza da mulher gorda e quebrar o estigma de que só mulheres dentro do padrão podem participar de concursos de beleza.

Foi observado durante a edição que, tanto no gerador de caracteres das matérias quanto na fala de Fátima e das convidadas, a palavra "gordinha" seguiu sinalizando o medo existente da palavra "gorda" e de sua possível ofensa.

Na edição exibida no dia 15/06/2016, Fátima comentou o sucesso que foi a apresentação da cantora Anitta na edição 2016 do programa Criança Esperança, que apresentou um balé diversificado com mulheres gordas. O grupo, composto por Talita Silveira, Milena Albuquerque, Tainá Oliveira, Gabriela Coelho, Daiane e Babu, o qual nem todas eram bailarinas, relata como o projeto de dança foi positivo para a autoestima, não apenas a delas, mas a de inúmeras mulheres que assistiram de casa e se sentiram representadas, com inúmeros *feedbacks* positivos e elogiosos.

⁶ São Paulo *Fashion Week* é o maior evento de moda do Brasil e o mais importante da América Latina, além de ser a quinta maior Semana de Moda do mundo, depois das de Paris, Milão, Nova York e Londres.

No decorrer do bloco os discursos, tanto das convidadas, quanto da entrevistadora, não trouxeram o cuidado com o uso da palavra gorda, o termo é repetido diversas vezes durante a entrevista, com intensidade e sem conotações negativas ou acuadas, o que já mostra a diferença entre os anos. Nessa época, o ativismo gordo ganhava muita popularidade, com diversos conteúdos a respeito na mídia televisiva e na internet.

A edição exibida no dia 06/06/2018 trouxe como convidada a atriz Guilhermina Libanio para discutir sobre a personagem que fazia em um dos seriados mais antigos da emissora, 'Malhação', onde Úrsula, personagem vivida pela atriz, enfrentava a gordofobia e passava a ressignificar a maneira como enxergava o seu corpo, através do ativismo e do apoio de suas amigas.

A atriz relatou como sua presença na TV contribuiu para que outras meninas gordas se identificassem também, e até comentassem com ela na rua sobre o alívio de se sentir representada na televisão, quando antes o único motivo de se ter uma pessoa gorda na mídia fosse para fazer propaganda de um estilo de vida ruim.

No discurso tanto da convidada, quanto da entrevistadora, percebeu-se o cuidado com o uso da palavra "gorda". No mesmo gancho da entrevista Fátima Bernardes abordou um tema, também relacionado a gordofobia que é a dificuldade que mulheres gordas têm de encontrar roupas adequadas para seu corpo, e assim mais duas pessoas gordas foram inseridas na entrevista para falar da moda *Plus Size*.

É comentado que Diego Soares e Carolina Fernandes possuem uma loja voltada para roupas *Plus Size* e contribuem para elevar a autoestima das pessoas através da moda, a iniciativa partiu dos dois, devido à dificuldade que ambos tinham de encontrar roupas estilosas e de qualidade no mercado.

A terceira e última matéria dessa edição do dia, 6, apresentou entrevistas com algumas pessoas que foram abordadas na rua, e pessoas da plateia do programa, para que relatassem situações de constrangimento que já sofreram por sua característica física. A palavra "gorda" não é usada na edição, as pessoas são descritas como "acima do peso".

Na edição do dia 02/10/2018, Kami Marques Jacoub, que é uma mulher gorda, relatou como conseguiu estimular outras pessoas a usarem seus cabelos naturais com intuito de elevar a autoestima das mesmas. A convidada aborda como a mulher sofre em ter que se adaptar aos padrões de beleza que são socialmente impostos. A jornalista e ativista Alexandra Gurgel participou do debate e temas sobre representatividade na mídia, em músicas e espaços públicos foram debatidos junto à plateia.

No segundo bloco de entrevistas, Alexandra Gurgel falou a respeito de seu livro "Pare de se odiar" e logo no início de seu discurso ela disse que sempre foi gorda e que a palavra 'gorda' não deveria ser usada e nem entendida como uma ofensa e sim como resistência. A ativista relatou suas vivências, e episódios de gordofobia que sofreu e as diversas maneiras que tentou modificar seu corpo para caber no padrão de beleza. Algumas mulheres da plateia foram convidadas a se olharem no espelho e dizer como se enxergam, os discursos foram de aceitação, empoderamento e amor-próprio.

A edição exibida no dia 08/10/2021 foi aberta com uma matéria a respeito da dançarina e ativista do movimento gordo, Thais Carla, que ganhou um processo por gordofobia contra o humorista Leo Lins. A ativista havia publicado um vídeo relatando a dificuldade que pessoas gordas têm para acessar direitos básicos como utilizar transporte público, ir a restaurantes, lojas, etc. O então humorista havia usado esse vídeo para cometer atos gordofóbicos disfarçado de piada em seus shows.

Thais diz que muitas pessoas utilizam a desculpa de preocupação com a saúde para serem gordofóbicas, e fazerem comentários desrespeitosos contra pessoas gordas, o que acaba excluindo-as de diversos espaços pelo medo de ter que lidar com o constrangimento. Durante a entrevista foram exibidos relatos dos telespectadores que sofrem com a gordofobia no dia a dia.

A sentença da ação movida por Thais Carla contra Leo Lins foi um marco histórico para o ativismo gordo, pois, foi a primeira condenação em que a gordofobia foi tratada como tema principal, e, apesar de a gordofobia não ser considerada crime, o ato pode ser enquadrado como injúria e danos morais.

Considerações finais

O ativismo gordo ganhou popularidade em um curto período no Brasil, graças ao imediatismo da internet e do ciberativismo. Foi a partir desses fatores que se tornou possível a presença de mulheres gordas sendo representadas na mídia, tanto em programas de auditório, quanto em filmes, novelas, entre outros.

Contudo, neste trabalho foi possível observar como esse caminho foi trilhado na mídia a partir da análise de seis edições do programa 'Encontro com Fátima Bernardes', entre 2015 e 2021. Partindo de um discurso inseguro por parte de algumas entrevistadas, ainda com um certo cuidado para dizer determinadas palavras, que na época eram vistas como pejorativas por muitas pessoas; para um com maior segurança e propriedade sobre o tema falado. Além de reconhecimento a respeito de seu local de fala.

Com a popularização do ciberativismo nas redes sociais, os assuntos relacionados a mulher gorda e a representatividade da mesma em espaços públicos e na mídia ganhou visibilidade rapidamente, o que contribuiu para a inserção de pautas que abordavam moda, beleza, estilo de vida e aceitação corporal, onde as protagonistas na fala eram mulheres gordas.

O resultado dessa representatividade foi o aumento da autoestima de outras mulheres que se identificaram com situações ou até mesmo com os corpos ali retratados, além de quebrar o estigma relacionado ao peso. É importante ressaltar que ainda existe a necessidade de manter a repercussão e visibilidade de matérias com ativistas gordas, e, sobre o ativismo gordo em si, para que esse tema seja normalizado. Tema que ganhou tanta popularidade em pouco tempo, mas que ainda está longe do que deveria ter se tornado.

REFERÊNCIAS

BERNUZZI, Denise. **Gordos, magros e obesos: uma história de peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. 178 p.

BRANDI; Daniel. Evolução dos Estudos de Agendamento: uma Explicação sobre a Influência da Mídia na Opinião Pública. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza, CE. **Anais...**, Fortaleza: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0399-2.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

- DE SOUZA, Marco Tulio; DE CARVALHO, Carlos Alberto. O dispositivo midiático: da conceituação foucaultiana à aplicação nos estudos comunicacionais. **Anagramas Rumbos y Sentidos de la Comunicación, Medellín**, Colombia, ano Enero-Junio 2018, v. 16, n. 32, p. 31-46, 11 nov. 2017. DOI 10.22395/anr.v16n32a2. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/anr/v16n32/1692-2522-anr-16-32-31.pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.
- GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018. 154 p.
- MOURA, Bruna Salles Braconi de. **O oposto do osso: relações do corpo social da mulher gorda**. 2017. 50 f. Monografia (Especialização em Estética e Gestão da Moda) - Escola De Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moda/monografias/Bruna%20Salles.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021
- NECHAR, Patricia Assuf. Diversidade de Corpos: A Ascensão do Corpo Gordo Através das Artes, Redes Sociais e o Movimento Plus Size. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville, SC. **Anais...**, Joinville: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2TcJuzz>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.
- RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. A emergência do ativismo gordo no Brasil. In: Seminario Internacional Fazendo Genero 11 & *Women's Worlds Congress*, 13., 2017, Florianópolis. **Anais...**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334_ARQUIVO_AemergenciadoMovimentoGordonoBrasilNataliaRangel.pdf. Acesso em: 14 de nov. de 2021
- RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://nusec.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Nat%C3%A1lia-F.-A.-Rangel-Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-mestrado-07.10.18.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.
- ROSSY, E. Contra-agendamento: o Terceiro Setor pautando a mídia. In: ENCONTRO DA COMPOLITICA, 2., 2007, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: Compolítica, 2007. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2007_gt_jmp-elizena.pdf. Acesso em: 18 de dez. 2021.
- THE BODY POSITIVE. **OUR STORY**. Berkeley, CA, 2021. Disponível em: <https://thebodypositive.org/>. Acesso em: 5 out. 2021.
- VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Tradução: Léo Schlafman. Rio de Janeiro : Ediouro, 2006.